

CAPÍTULO 1

- Tretas! O primeiro livro é sempre autobiográfico!...
- Por que será?...
- Sei lá! Talvez por uma necessidade de auto justificação, de tentar dar sentido ao rumo que demos à vida...
- Ou o que a vida a nós nos deu...
- De qualquer forma, se fosse a ti, fugia dessa fórmula. E sobretudo nada de escrever o livro na primeira pessoa!
- Essa é boa! Então porquê?!
- Um “best-seller” nunca, mas nunca, é escrito na primeira pessoa! Acho que foi um desses gajos americanos que o disse. O Wallace ou coisa que o valha...
- Mas eu não quero escrever um “best-seller”! Eu só quero é escrever um livro!
- Pois... e plantar uma árvore... e fazer um filho... Pareces o meu Avô...!
- Fazer um filho já todos mais ou menos fizemos, só que alguns nunca tomaram conhecimento deles... e quanto às árvores... Qualquer dia só nos deixam plantar eucaliptos...
- Olha, e não te esqueças de, página sim página não, meteres uma série de palavrões! Cai bem na *Crítica!*
- A *Crítica!* Já viste algum crítico ser bom escritor?!...



– Já... Por sinal era, mas em compensação... era mau crítico! Mas os críticos não têm de ser bons escritores. Se fossem bons escritores, eram escritores! Não iam para críticos...

Do outro lado da janela, o Tejo acordava estremunhado, com uma ligeira comichão de cacilheiros.

Lisboa olhava-se ao espelho e ignorava mais uma ruga...

– E vais escrever um livro sobre quê?... Mete a “Guerra de África”? Também está na moda...

– Já não é sem tempo! Há que exorcizar os demónios da História! Fazer a catarse de uma geração!

– Há é que macaquear os americanos com os seus complexos do Vietname!

– Há fortes analogias!

– Analogias?! Mas por acaso tu queres comparar o Vietname com as campanhas de Angola, de Moçambique, da Guiné?!

– Olha, por acaso até quero! Foram duas guerras perdidas mais nas ruas, nos gabinetes, nos jornais, do que no Teatro de Operações!

– Não se pode lutar contra os ventos da História!

– Mas também não se pode voltar as costas à História!... E foi isso que nós fizemos, afinal! Mas, no fundo, o que é que tu sabes disso?! Passaste a tropa atrás de uma secretária em Lisboa!

– E daí? Houve até quem desse à sola, não?...

– Então não houve!... E depois foi vê-los com o rótulo de “grandes lutadores anti-fascistas”, em centros de decisão dos partidos, em gabinetes ministeriais, em cadeiras de administradores de empresas públicas... gajos que se baldaram à tropa porque sempre era mais giro lavar pratos na Suécia ou tocar em bares de Paris do que arriscar-se a malhar com os costados em África!...

– Vocês não se libertam mesmo disso, pois não?... Desse complexo de “Veteranos de guerra”, dessas edições serôdias do “Apocalipse now”?...



– A Guerra de África marcou toda a nossa geração! Eu nunca me teria separado da Paula se não fosse a guerra! Até tu, nunca terias conhecido a Isabel se o marido não tivesse morrido na Guiné!

– Teria conhecido outra Isabel, cujo marido teria morrido num desastre de automóvel, ou de avião, ou de eléctrico!... E tu ter-te-ias separado à mesma da Paula, que em vez de te ter metido os cornos com o gajo dos Casinos teria fugido com o professor de aeróbica!

– Onde é que tu queres chegar com essa conversa de merda?!

– Que a vida é o que é! A vida é o que a gente a faz! Todas as gerações tiveram a sua “Guerra de África”, a sua “Ditadura”, a sua “Revolução”! Só nós próprios, no fundo, somos os últimos responsáveis pelo nosso destino!...

– Vamos mas é parar com esta conversa de chacha!

– Conversa de chacha, uma porra! Tu não gostas é de ouvir certas verdades. Nem tu, nem os outros como tu!... Além disso... já que “Vossa Alteza” vai escrever um livro faça o favor de aproveitar o diálogo atrás exposto!... Melhor! Faça um guião pr’a um filme e concorra a um subsídiozinho!

– E se fosses gozar com a tua tia?!... Caraças! Começámos na conversa para fazer horas, de repente já vamos numa de “Guerra de África”, já dissemos uma meia dúzia de palavrões... Só falta mesmo é começar a falar na primeira pessoa!...

Para lá do casario do Castelo, o Tejo esbocejou, espreguiçou-se e deixou escapar barra fora meia dúzia de petroleiros.

O «groom» assomou à entrada do salão, dirigiu-se impessoalmente aos dois homens sentados no sofá e soletrou monocordicamente:

– Chamam ao telefone o Senhor Doutor Afonso Henriques.

